

Escolarização de estudantes em escolas privadas: um estudo da perspectiva materna

Schooling of students in private schools: a study of the maternal perspective

Vanessa Caroline Ferreira Galvão

Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, Rondônia, Brasil.
vanessacarolinepsi@hotmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-4049-7459>

Marli Lúcia Tonatto Zibetti

Professora doutora na Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, Rondônia, Brasil.
marlizibetti@yahoo.com.br - <https://orcid.org/0000-0003-3939-5663>

Recebido em 24 de outubro de 2018

Aprovado em 12 de fevereiro de 2020

Publicado em 13 de maio de 2020

RESUMO

Este artigo é parte de pesquisa desenvolvida como dissertação de mestrado e tem por objetivo analisar as formas de acompanhamento desenvolvidas pelas famílias à escolarização dos/as filhos/as que frequentam os sexto e sétimo anos em escolas privadas. O estudo, de abordagem qualitativa, contou com a participação de dez mães cujos filhos e filhas estudam em cinco escolas diferentes em Porto Velho – RO. Os dados foram produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas e analisados considerando-se o contexto socioeconômico, a constituição das famílias e a etapa da escolarização em que estão os/as estudantes. Os resultados indicam que as mães são as principais responsáveis pelo atendimento às necessidades de escolarização dos/as filhos/as e desenvolvem diferentes ações de acompanhamento as quais foram organizadas em três categorias: ações em casa (ações com o auxílio dos pais e ações nas semanas de provas); ações junto à escola e ações de terceirização. Conclui-se que o cuidado com a escolarização dos filhos e filhas é predominantemente feminino nas famílias pesquisadas, embora sejam mulheres economicamente ativas. A alta escolaridade das famílias, a valorização social da escola e o acompanhamento próximo são fatores que contribuem para o sucesso escolar nesse contexto.

Palavras-chave: Escolarização; Escolas privadas; Ensino fundamental.

ABSTRACT

This article is part of research developed as a master's thesis and aims to analyze the forms of follow-up developed by the families to the schooling of the children who attend the 6th and 7th grade in private schools. The qualitative study had the participation of 10 mothers whose sons and daughters study in five different schools in Porto Velho - RO. The data were produced through semi-structured interviews and analyzed

considering the socioeconomic context, the constitution of families and the stage of schooling in which the students are. The results indicate that mothers are the main responsible for meeting the schooling needs of the children and develop different follow-up actions, which were organized into three categories: actions at home (actions with parental assistance and actions in the weeks of tests); actions with the school and outsourcing actions. It is concluded that the care with the schooling of sons and daughters is predominantly female in the families surveyed, although they are economically active women. The high schooling of the families, the social valorization of the school and the close monitoring are factors that contribute to the school success in this context.

Keywords: Schooling; Private schools; Elementary school.

Introdução

Famílias e escolas são instituições formadoras, com papéis sociais complementares na educação das crianças. Enquanto às famílias compete o sustento, a proteção e a educação em sentido amplo, as escolas têm como função social transmitir ensino sistematizado, conhecimentos mais elaborados e possuem centralidade na formação de seres humanos cognitivamente desenvolvidos, capazes de contribuir com a construção de sociedades em constante desenvolvimento.

Carvalho (2004, p. 47) em seus estudos afirma que “[...] a educação tem um papel fundamental na produção e reprodução cultural e social e começa no lar/família, lugar da reprodução física e psíquica cotidiana – higiene, alimentação, afeto –, que constituem as condições básicas de toda a vida social e produtiva”. Mas a educação, que começa na família, ganha outras características quando passa a ser compartilhada com as instituições escolares e as relações estabelecidas entre essas duas instituições, influenciam o percurso educacional dos/as estudantes.

Historicamente as famílias ampliadas, constituídas por avós, tios, primos, morando na mesma residência, transformaram-se em nucleares e hoje se constituem por um número cada vez menor de membros, constituindo-se, muitas vezes como monoparentais, formadas apenas por um dos pais que arca com a responsabilidade de sustentar e educar os/as filhos/as.

Além da transformação na constituição, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho gerou mudanças na organização familiar implicando em alterações na

forma como seus membros lidam com as diferentes atribuições familiares. Como afirmam Simões e Hashimoto (2012, p. 13),

Hoje a identidade da mulher não está mais diretamente associada à maternidade, ao casamento e à procriação. A mulher vem conquistando novos espaços, assumindo novos papéis e funções, sendo inegável a ascensão da mulher no mercado de trabalho e na vida intelectual.

Considerando essas novas configurações familiares, com os membros envolvidos em atividades laborais fora do âmbito doméstico, ganham importância investigações que analisem como as famílias (pais, mães e/ou responsáveis) se envolvem e atendem às necessidades decorrentes da escolarização dos/as filhos/as. Neste sentido, desenvolvemos uma investigação voltada a compreender as formas como as famílias lidam com a escolarização dos filhos e filhas em contextos de poder aquisitivo médio e alto, nos quais poucas pesquisas têm sido realizadas.

A escolha da instituição escolar que será responsável pelo cuidado e pela formação dos/as filhos/as, durante um período significativo da vida das crianças, constitui preocupação importante entre as famílias, principalmente, em função da valorização da educação como instrumento de ascensão social. E neste sentido, a procura por instituições privadas tem aumentado conforme indicam os dados do Censo Escolar da Educação Básica (BRASIL, 2017). De 2008 a 2016, as matrículas dos anos iniciais do ensino fundamental cresceram 34,9%, atingindo 18% dos matriculados. Em relação às matrículas dos anos finais do ensino fundamental, 14,8% das matrículas estão em escolas privadas, indicando um crescimento de 15,3% em oito anos. Já em relação às matrículas do ensino médio, 12,5% dos/as estudantes encontram-se na rede privada e neste nível de ensino as matrículas cresceram 4,5% no período citado.

Para Medeiros e Januário (2014), o aumento do número de matrículas em estabelecimentos da rede privada estaria ligado à elevação da renda de frações das camadas populares brasileiras ocorridas na primeira década do século XXI. Assim, algumas famílias dessa camada social, mais providas de recursos econômicos, estariam propensas a investir na escolarização dos/as filhos/as, matriculando-os/as

em escolas privadas porque, na sociedade atual, a certificação escolar ocupa papel central na reprodução social (PEREIRA, 2016).

Entretanto, o acesso às escolas privadas não está restrito a famílias de alto nível socioeconômico, uma vez que algumas instituições oferecem bolsas estudantis, que são disputadas e distribuídas entre estudantes com menor poder aquisitivo. Além dos/as bolsistas, há grande número de estudantes da classe média adentrando às escolas de rede privada, porque muitas famílias acreditam na diferença qualitativa do ensino em relação às escolas públicas, e, por isso, acabam fazendo grande esforço para manter seus/suas filhos/as nessas instituições. Segundo Perosa e Dantas (2017, p. 1001),

[...] a escolha pela escola privada exprime o interesse das mães dessa segunda geração em possibilitar aos filhos percorrer outros circuitos do mercado de formação superior e do mercado de trabalho, diferente daqueles percorridos por elas. Expressam o desejo de ir além do futuro possível para as gerações precedentes, aceitando pragmaticamente as regras do jogo, impostas pelos grupos dominantes, de ascensão social pela via do diploma escolar.

A maioria das famílias está preocupada com a qualidade da educação que o/a filho/a terá ao longo da escolarização, acreditando que com o ensino de qualidade, pode se tornar adulto/a bem-sucedido/a tanto profissional quanto financeiramente, como nos mostram algumas pesquisas (FEVORINI, 2009; ADRIÃO, 2014; PAULA, 2015; SIQUEIRA, 2016) relacionadas ao contexto da rede privada.

A pesquisa de Fevorini (2009), intitulada: “O envolvimento dos pais na educação escolar dos filhos: um estudo exploratório”, avaliou o grau de envolvimento dos pais, das classes sociais médio-alta e alta na educação escolar dos/as filhos/as que estudam no ensino médio em escolas particulares de São Paulo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com casais de pais ou apenas as mães totalizando 13 entrevistas e 21 entrevistados/as.

Segundo Fevorini (2009), os pais se mostraram muito envolvidos com a escolaridade dos/as filhos/as e tinham, entre suas expectativas, que os princípios educativos e valores da escola fossem consoantes com os da família. Já em relação ao ensino, todos os/as participantes enunciaram o desejo de que seus/suas filhos/as sentissem prazer em aprender, além de desenvolverem o pensamento crítico. Os pais

também esperam que a escola promova boa interação entre os/as alunos/as, para que estes/as tenham boa convivência, desenvolvam amizades e compareçam à escola com prazer. Outras perspectivas que se mostraram relevantes aos pais foram a estabilidade do corpo docente e da proposta pedagógica, além de uma condução menos técnica, mais humana e afetiva do trabalho educativo.

O estudo de Adrião (2014), intitulado “Educação e privilégio: o que querem os pais das escolas privadas?”, teve como objetivo caracterizar a expectativa que os pais de crianças que estudam em escolas privadas têm em relação à escolha da escola e os recursos que estas instituições utilizam para construir uma boa vida escolar.

A pesquisa foi realizada no município de São Paulo, centrando-se nos pais que tinham os/as filhos/as matriculados/as nas séries iniciais do ensino fundamental, em escolas cuja mensalidade estivesse entre mil e 2 mil reais. A pesquisa foi realizada por meio de questionário online, enviado aos pais de diversas regiões de São Paulo. Dos 42 questionários respondidos, 35 foram utilizados.

Os resultados mostraram que as famílias fazem uso da escola para manter e ampliar suas condições sociais e que há um nítido investimento na escolarização dos/as filhos/as para que possam atingir tais objetivos. Os pais apresentam muita preocupação com o capital social dos/as filhos/as, além dos bens materiais. Há também um movimento no tocante à terceirização da formação mais convencional das crianças. Outro fato observado é o estabelecimento de uma relação de mercado com a escola, pais que compram um serviço e depois cobram bom retorno.

A pesquisa de Paula (2015), intitulada “A influência do território sobre as escolhas escolares das famílias – um estudo em uma região da periferia de Belo Horizonte”, objetivou investigar se e de que maneira as desigualdades socioespaciais chegam a influenciar ou até reforçar as diferenças escolares e o modo como algumas características sociais e urbanas de um determinado lugar configuram as escolhas escolares das famílias.

A pesquisa foi realizada por meio de análise documental e entrevistas semiestruturadas com os moradores e os trabalhadores em educação dos estabelecimentos de ensino da região. Foram entrevistados 17 pais e/ou mães

cujos/as filhos/as cursavam alguma série da educação básica. Também foram entrevistadas duas diretoras, um vice-diretor e uma supervisora.

Entre os resultados da pesquisa ficou evidente a influência das características sociais do território sobre as escolhas escolares e também sobre as desigualdades de escolarização. Os familiares com condições financeiras mais favorecidas excluíram de antemão a escola pública percebida como de baixa qualidade e menor segurança. A pesquisa evidenciou que as estratégias desenvolvidas por alguns dos pais, para evitar determinadas escolas, são motivadas pela reputação negativa atribuída aos estabelecimentos de ensino, principalmente relacionados ao ensino médio.

O estudo de Siqueira (2016) pesquisou a expansão contínua da matrícula na rede privada de ensino na educação básica e é intitulada: “Um segmento menos elitizado da rede privada de ensino: três escolas no município de Contagem”. Teve como objetivo conhecer as características desse segmento e investigou três estabelecimentos da cidade de Contagem – MG. A seleção das escolas foi feita a partir da mensalidade cobrada por elas, por ser um fator indicador da condição socioeconômica do público atendido. Os instrumentos utilizados foram: observação direta; entrevista semiestruturada e questionário. A observação buscou identificar as condições materiais e a infraestrutura da escola; o clima disciplinar; a pedagogia praticada e a relação entre os atores da instituição. A entrevista foi realizada, no total, com dez trabalhadores do ensino, oito mães e um pai e, por fim, um questionário socioeconômico foi aplicado em uma turma de nono ano do ensino fundamental.

Os resultados evidenciaram a existência de algumas características comuns aos três estabelecimentos investigados, como a origem e a gestão das escolas são familiares; a estrutura física e o patrimônio material-pedagógico são restritos; os recursos humanos são marcados pela multifuncionalidade; há proximidade na interação família e escola; são dispensados cuidados especiais com a segurança dos/as alunos/as e com a disciplina na rotina pedagógica, além de religiosidade implícita e educação inclusiva.

As pesquisas citadas evidenciaram, portanto, as razões para a escolha do segmento privado em detrimento da escola pública. A primeira razão indica que as famílias investem na escolarização dos/as filhos/as em escolas privadas porque

acreditam que esta formação consistirá em diferencial nas oportunidades profissionais futuras, por acreditarem na qualidade superior de ensino das instituições privadas. Em segundo lugar, encontra-se a busca por ambientes mais seguros e, por último, são citadas as afinidades com as propostas pedagógicas.

Ao revisar os estudos sobre a temática verificamos que nenhum deles foi realizado na região Norte e também não foram encontradas investigações sobre a escolarização nos anos finais do ensino fundamental. Desta forma, o presente artigo, construído a partir de dados obtidos em pesquisa desenvolvida como dissertação¹ de mestrado², objetiva analisar as ações desenvolvidas pelas famílias no acompanhamento ao processo de escolarização dos/as filhos/as que frequentam os sexto e sétimo anos do ensino fundamental em cinco diferentes escolas privadas.

Método

A presente pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada na cidade de Porto Velho – RO e teve como participantes dez mães. Inicialmente nosso interesse era ouvir os familiares envolvidos no acompanhamento aos/as jovens estudantes. Entretanto, ao contatar as famílias, foram as mães que se dispuseram a falar acerca do assunto, identificando-se como as principais (ou únicas) responsáveis por essa tarefa.

São mães que estão inseridas no mercado de trabalho e que também tomam para si a responsabilidade pelo acompanhamento à escolarização dos/as filhos/as. Além disso, a maioria das participantes possui boas condições socioeconômicas e escolaridade de nível superior ou pós-graduação, conforme evidenciam os dados apresentados na Tabela 1, que foram fornecidos pelas próprias participantes em diálogo inicial, antes da realização das entrevistas.

As primeiras participantes foram selecionadas a partir dos contatos das pesquisadoras em seus ambientes de trabalho e, as demais, foram indicadas pelas próprias entrevistadas.

Tabela 1: Síntese dos dados das participantes

COMPOSIÇÃO DAS FAMÍLIAS	PARTICIPANTES	ESTUDANTES
Família Albuquerque (mãe, pai, filho, irmã mais nova e avó)	Mãe Idade: 43 anos Grau de escolaridade: superior Profissão: servidora pública Horário de trabalho: matutino e vespertino	Filho Idade: 11 anos Série: 6º ano Escola: colégio I Turno: matutino
Família Barros (mãe, pai, filho, irmão mais velho e avó)	Mãe Idade: 43 anos Grau de escolaridade: superior incompleto Profissão: comerciante Horário de trabalho: matutino e vespertino	Filho Idade: 11 anos Série: 6º ano Escola: colégio II Turno: matutino
Família Carvalho (mãe, filha e avó)	Mãe Idade: 42 anos Grau de escolaridade: ensino médio completo Profissão: autônoma Horário de trabalho: matutino e vespertino	Filha Idade: 11 anos Série: 6º ano Escola: colégio II Turno: matutino
Família Dantas (mãe, pai e filho)	Mãe Idade: 40 anos Grau de escolaridade: mestrado Profissão: professora Horário de trabalho: matutino e noturno	Filho Idade: 11 anos Série: 6º ano Escola: colégio III Turno: matutino
Família Ferraz (mãe, pai, filha e irmão mais novo)	Mãe Idade: 46 anos Grau de escolaridade: superior Profissão: promotora de justiça Horário de trabalho: matutino e vespertino	Filha Idade: 12 anos Série: 7º ano Escola: colégio IV Turno: matutino
Família Garcia (mãe, pai, filha, irmã e irmão mais novos)	Mãe Idade: 41 anos Grau de escolaridade: superior Profissão: advogada Horário de trabalho: sem horário fixo	Filha Idade: 12 anos Série: 7º ano Escola: colégio IV Turno: matutino
Família Lins (mãe, pai, filho e irmão mais novo)	Mãe Idade: 38 anos Grau de escolaridade: mestrado Profissão: pedagoga Horário de trabalho: matutino	Filho Idade: 11 anos Série: 6º ano Escola: colégio II Turno: matutino
Família Muniz (mãe, pai, filha e irmão mais novo)	Mãe Idade: 47 anos Grau de escolaridade: doutorado Profissão: professora Horário de trabalho: matutino e vespertino	Filha Idade: 12 anos Série: 7º ano Escola: colégio IV Turno: matutino
Família Rios (mãe, pai e filha)	Mãe Idade: 42 anos Grau de escolaridade: especialização Profissão: administradora Horário de trabalho: vespertino (03 dias na semana)	Filha Idade: 12 anos Série: 6º ano Escola: colégio V Turno: vespertino
Família Torres (mãe, pai, filha e irmã mais nova)	Mãe Idade: 48 anos Grau de escolaridade: superior Profissão: assistente social Horário de trabalho: matutino e vespertino	Filha Idade: 13 anos Série: 7º ano Escola: colégio IV Turno: matutino

Fonte: Elaborada pelas pesquisadoras com base nos dados de identificação obtidos via entrevistas.

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644435352>

Os dados apresentados na Tabela 1 demonstram que a maioria das famílias participantes é composta pelos dois cônjuges e, em alguns casos as avós também moram na mesma casa. Apenas na família Carvalho, a mãe vive apenas com a filha e a avó; esta também é a única dentre os/as estudantes que é bolsista.

As mães são relativamente jovens com idades entre 38 e 48 anos. Quatro delas possuem o ensino superior, uma cursou especialização, duas cursaram mestrado e outra doutorado. Apenas duas não possuem ensino superior, sendo que uma delas tem o ensino médio completo e outra o ensino superior incompleto. Todas trabalham e a maior parte delas em horário integral, nos períodos matutino e vespertino.

Entre os/as estudantes, quatro são meninos e seis são meninas, com idades entre 11 e 13 anos. Seis deles estão cursando o sexto ano e quatro o sétimo ano do ensino fundamental.

As escolas contam com ótima reputação na cidade e diferem em relação ao fato de serem confessionais (colégios I, II e V) e em relação ao custo, pois as mensalidades oscilam entre R\$610,00 e R\$897,03; a esse valor mensal são acrescidos os materiais didáticos, pagos anualmente, em valores que vão de R\$821,00 a R\$1.760,00. (Dados fornecidos pelas participantes).

Após aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número CAAE 66590817.5.0000.5300, as entrevistas foram realizadas, de acordo com o horário e o local estabelecido pelas próprias participantes, ouvidas em suas residências ou locais de trabalho. Com permissão das mães, as entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas para a análise.

Durante toda a análise foi fundamental ter em mente a constituição familiar e as condições socioeconômicas das famílias, bem como a etapa de escolarização dos/as estudantes. Ou seja, os sexto e sétimo anos do ensino fundamental caracterizam-se por ser o período de transição entre os anos iniciais e finais, implicando na ampliação do número de docentes e de disciplinas, obrigando os/as estudantes a desenvolverem novas formas de responder às exigências do processo educacional.

Neste texto, buscamos evidenciar as ações de acompanhamento desenvolvidas pelas mães no ambiente familiar, a forma como se relacionam com a

escola e com as demais atividades que constituem o contexto formativo dos/as estudantes em famílias com alto poder aquisitivo.

Resultados e discussões

O diálogo estabelecido com as mães durante as entrevistas tornou evidente a importância que atribuem ao processo de escolarização dos/as filhos/as e como organizam a vida familiar e as suas próprias vidas de forma a garantir a ajuda necessária a eles/elas.

Por tratar-se de estudantes que acabaram de ingressar nos anos finais do ensino fundamental, cuja organização do ensino ganha contornos bastante diferenciados, as atitudes das mães oscilam entre desenvolver a necessária autonomia para que os filhos e filhas possam autogerir-se e a fiscalização constante para que não corram o risco de reprovar.

O protagonismo exercido pelas mulheres nesse processo, que ficou evidente desde os primeiros contatos com as famílias, parece reproduzir as divisões que historicamente marcaram os papéis das mulheres e dos homens em nossa sociedade. Desta forma, os dados indicam que, mesmo quando ocupam funções profissionais em horário integral fora do ambiente doméstico, essas mulheres atribuem a si o papel de cuidadoras e só quando, por diferentes razões, não conseguem responder a todas essas demandas, recorrem a outros membros da família (pais ou outros parentes) ou, ainda, a serviços de terceiros.

Por isso, na apresentação dos dados, focamos nas ações das mães e as apresentamos em três categorias que evidenciam a organização desse acompanhamento: ações em casa (ações com o a auxílio dos pais e ações nas semanas de provas); ações junto à escola e, por fim, as ações de terceirização.

Ações em casa

De acordo com as entrevistas, as ações das mães no acompanhamento à escolarização dos filhos e filhas são desenvolvidas de forma a se manterem muito próximas dos/as estudantes. Além de todas as funções que as mães realizam como

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644435352>

profissionais e algumas como estudantes também, são elas que providenciam os materiais escolares, que investem tempo nesse acompanhamento, verificando as tarefas, a agenda de avaliações e demais atividades propostas pela escola. Os relatos das mães das famílias Barros, Carvalho e Ferraz enfatizam essa questão.

[...] Eu já não visto mais a agenda, mas em compensação, todo dia, eu pergunto e cobro as atividades dele. (Família Barros).

Matemática ela gosta de tentar fazer sozinha, mas quando ela tem dúvida ela me fala. Eu gosto de matemática. Sento com ela e vamos estudar matemática. [...] Assim que ela termina, ela me mostra. (Família Carvalho).

Normalmente, sou eu que vou cobrar se ela fez a tarefa [...] Eu sou muito exigente, eu cobro muito dela [...] Às vezes, a gente lê juntas e faz a tarefa. (Família Ferraz).

A maior parte das ações das mães está relacionada às tarefas encaminhadas pela escola para serem feitas em casa e é nesse momento que vemos como, nessa faixa etária, os/as estudantes começam a ampliar sua caminhada em direção à autonomia. As mães parecem reconhecer o processo e deixam os/as filhos/as tentarem sozinhos/as, não verificam mais as agendas, mas perguntam todos os dias se as tarefas foram realizadas.

Algumas pesquisas (SOARES, 2011; MORAES, 2006; SOUZA, 2005) afirmam que a atividade de casa pode ser um momento de vínculo entre a família e a escola, além de ser vista como uma estratégia para que os conteúdos escolares sejam reforçados. Outras pesquisas (PIMENTA, 2014; ALBUQUERQUE, 2017) enfatizam a questão de que o dever de casa aparece como forma de acompanhamento e participação familiar na escolarização. E essa função é frequentemente delegada às mulheres, mesmo que trabalhem fora de casa, que tenham uma rotina tão ou mais exigente que a dos homens.

Questões de gênero perpassam esse contexto, pois fica evidente que são as mães que telefonam para as escolas, que comparecem às reuniões, que verificam se os/as filhos/as fizeram ou não as atividades enviadas pela escola para serem feitas em casa. Segundo as entrevistadas, a intervenção dos pais só acontece quando elas atribuem essa responsabilidade também a eles e essa atribuição é entendida como auxílio e não como divisão igualitária de responsabilidades.

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644435352>

[...] eu sinto que ele dá um apoio, quando eu peço [...]. Mas não é uma obrigação diária que ele toma para perguntar; quem pergunta sou eu, quem assume sou eu. (Família Lins).

[...] eu acredito que não consigo administrar isso entre família para que o pai participe tanto; porque como o pai acredita que eu faço bem, é melhor que eu faça. Ele vai à escola duas vezes ao ano. (Família Rios).

As demandas do mundo do trabalho aparecem nas falas das mães como as razões principais para a divisão de responsabilidades com os pais em relação ao acompanhamento dos/as filhos/as. Porém, a forma como essas demandas são assumidas pelos homens, aparece no discurso das mulheres, quase sempre como auxílio.

Eu era muito participativa. Acompanhava muito rigorosamente, mas por conta do trabalho você acaba tendo que dar prioridade [...] hoje eu divido as funções com meu marido. (Família Albuquerque).

Matemática é o pai, então ele senta com ela porque ele tem mais habilidade e cuida dessa parte. E quando ela precisa de auxílio nas outras, aí é comigo. (Família Torres).

Quando a escolarização dos/as filhos/as conta com a parceria de mães e pais, as crianças são beneficiadas com uma dupla assistência, além de não sobrecarregar nenhum dos cônjuges. Quando essa parceria não existe, normalmente, as mães se sobrecarregam com as demandas da escolarização, uma vez que acumulam trabalho profissional e trabalho doméstico. “[...] me sinto sobrecarregada. Me sinto, sim, porque a responsabilidade é grande [a voz ficou embargada]. [...], mas eu acredito que é mais falta de saber administrar, até psicologicamente.” (Família Rios). Embora essa mãe reconheça sentir-se sobrecarregada, imediatamente traz para si a responsabilidade de administrar a situação, sem cogitar a possibilidade de uma divisão menos desigual de responsabilidades entre o casal.

A mãe da família Carvalho é a única que cuida da filha sem a convivência com o pai. Assim o apoio nas atividades escolares é fornecido por uma tia da estudante, principalmente nas atividades de língua portuguesa, pois em matemática a mãe se sente capaz de auxiliar. Além da assistência da tia em relação às atividades de casa, também é ela que leva a sobrinha para a escola. “[...] Ela entra na escola, 7h15, 7h25 e é minha irmã que leva. [...] Meio dia eu estou lá na frente da escola. A minha irmã leva e eu busco, todos os dias.” (Família Carvalho).

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644435352>

A rotina das mães entrevistadas se mostrou bastante complicada em dias normais e torna-se ainda mais exigente quando os/as filhos/as se encontram em período de provas. Considerando que todas as escolas adotam a prática de estabelecer semanas de provas e que as notas, no final das contas, representam o avanço ou a permanência na série em que se encontram, as ações desenvolvidas pelas mães ganham características próprias nesses períodos.

As mães informaram que as escolas trabalham com cronogramas, muitas vezes, desde o início do ano letivo, nos quais estão previstas as datas, o conteúdo, o valor de cada atividade; o que implica uma organização, tanto da família, quanto do/a estudante. Algumas mães exigem mais dedicação do/a filho/a na hora de estudar para as provas e o fazem limitando o acesso aos estímulos eletrônicos, tais como celulares, videogames, computadores, almejando que a atenção dos/as filhos/as seja toda voltada ao conteúdo da prova.

Semana de prova eu já falei para ele que eles ficam longe de todo tipo de estímulo eletrônico [...] Semana de prova eu corto tudo e quando eu vejo que ele não está seguindo eu pego, apreendo e guardo no guarda-roupa e só entrego na sexta-feira quando acaba a semana. (Família Albuquerque).

Semana de prova menos lazer, para focar no estudo. A gente cobra e fica no pé, fica em cima. (Família Garcia).

A estratégia diferente é que é muito menos computador. (Família Muniz).

A partir dos relatos apresentados, nota-se que as mães agem de modo semelhante durante as semanas de provas, afastando os/as filhos/as dos estímulos eletrônicos e atividades de lazer, para que foquem no conteúdo das provas. Se esta atitude for dialogada com os/as estudantes e eles/elas compreenderem a importância e o valor de concentrar esforços, de maneira orientada no momento do estudo, posteriormente poderão, autonomamente, dirigir sua atenção. Martins (2013, p. 154) esclarece, com base nas contribuições da psicologia histórico-cultural,

[...] a atenção voluntária tem origem em motivos e finalidades estabelecidos conscientemente pelo indivíduo em face das exigências das atividades empreendidas. Por conseguinte, seu desenvolvimento se realiza não a partir da atenção em si mesma, mas do lugar que a atenção passa a ocupar em relação ao pensamento, à memória, aos afetos etc., ou seja, das inter-relações e interdependências funcionais requeridas pela atividade cultural.

Entretanto, se as medidas adotadas pelas mães forem estabelecidas como punição pela falta de dedicação aos estudos poderá desencadear revolta e desinteresse pela escola, não contribuindo com o desenvolvimento progressivo da autonomia dos/as estudantes.

Ações junto à escola

As transformações do mundo tecnológico não atingiram apenas a relação dos/as estudantes com os objetos de estudo e lazer. A relação das famílias com as escolas, de acordo com as mães, também passou a ser mediada pela tecnologia. Segundo elas, boa parte da comunicação entre as famílias e a escola é feita por e-mail, além de portal na internet onde os pais e mães podem acompanhar o calendário de atividades, a frequência e o rendimento dos filhos e filhas. “[...] eles se comunicam por e-mail, mandam para gente e por meio dos próprios alunos que trazem as informações.” (Família Ferraz).

As ações das mães junto às escolas variam de acordo com as necessidades e as demandas de cada instituição: há mães que telefonam para a escola, seja para se informar de algo ou para marcar alguma reunião; há as que comparecem às reuniões, conversam com os/as professores/as, buscam os boletins escolares dos/as filhos/as.

[...] Eu ligo [para escola] e nunca eu liguei e não fui atendida, nunca, eles dão um retorno rápido. Se eu estou com dúvida em algum trabalho do professor. (Família Dantas).

[...] eu vou mais às reuniões, pego o boletim, o pai que entra mais na internet. [...] Ele também me acompanha, [...] mas geralmente, eu que vou mais. (Família Garcia).

[...] eu conversei com todos os professores da minha filha, eu e o pai somos muito, muito participativos na escola. Todas as reuniões. [...] tu tem que acompanhar. Tu tem que estar presente, tem que olhar as provas e isso dá um trabalho tremendo (risos). Eu e o pai gostamos de participar da vida escolar dos nossos filhos. Quando eu não posso ir ele vai. (Família Muniz).

[...] geralmente eu que vou às reuniões, eu que questiono, eu que coloco (risos). Geralmente, eles [os professores] falam das notas ou perguntam se a gente tem alguma coisa. (Família Torres).

Novamente as entrevistas evidenciam o protagonismo das mulheres e o apoio dos pais no acompanhamento, desta vez na relação com a instituição. Quando

consideramos que são pais e mães com escolarização elevada, podemos compreender que são também capazes de se fazer ouvir. Conforme afirma Adrião (2014), as famílias escolhem as escolas privadas para manter e ampliar suas condições sociais.

Desta forma, as famílias estabelecem uma relação de cobrança com a escola, pois pagam por um serviço e esperam ter retorno satisfatório. “[...] a escola não pode só se preocupar em cobrar um custo alto e não dar um retorno.” (Família Garcia). São famílias que investem alto na escolarização dos/as filhos/as e esperam que com isso, a escola proporcione ensino de qualidade e que vá suprir as demandas impostas pela sociedade.

Outro aspecto importante que se evidenciou nos relatos das mães, também foi abordado na pesquisa de Leite (2015), a qual afirma que a participação frequente das famílias nas reuniões escolares, tem colaborado com o melhor desempenho no processo educativo dos/as filhos/as. Isto é, a participação da família, seja dentro do ambiente familiar, seja no ambiente escolar, interfere de maneira positiva na escolarização dos/as estudantes, principalmente nos sexto e sétimo anos, em função da transição entre os anos iniciais e anos finais do ensino fundamental, conforme indica a vivência da mãe da família Torres, quando a filha mudou do quinto para o sexto ano: “[...] achou tudo muito difícil, linguagem difícil, não tinha mais aquela ajuda mais presente [...]. Aí exige mais um pouco da gente.” Os relatos das mães das famílias Albuquerque, Dantas e Rios também destacaram essa questão.

Esse ano foi bem complicado, porque de quatro, passou para todas as matérias. E esse processo é muito difícil, porque eles passam de um sistema onde eles eram apoiados por todos, pelo professor que dá as matérias comuns, onde vinha tudo escrito no caderno, os trabalhos todos no caderno, tinha bilhete para tudo, para um momento onde eles são deixados, você tem que crescer de uma hora para outra. [...] eles ficam muito dependentes até o 5º ano, quando chega no 6º é uma independência total, que eu acho que é danosa essa transição, então, o processo tem que ser de desvincular, de dar mais autonomia, desde o 4º ano. (Família Albuquerque).

O principal é o tratamento, esse distanciamento dos professores. O perfil do professor que trabalha no fundamental II é muito diferente do perfil que eu conheci e não é lá [na escola do filho], é nas escolas como um todo. O fluxo, porque como eram duas professoras, elas tinham um controle da quantidade de tarefa que vinha para casa. Agora como são vários, cada um manda o seu e o aluno é que se vire. Para mim, isso é o que está mais diferente: essas demandas que vêm e esse distanciamento. (Família Dantas).

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644435352>

[...] a mente da minha filha foi bem bombardeada. Que ia ser muito difícil, muito difícil, que a cobrança era maior, que os desafios eram maiores e até que não ia ser qualquer um que ia passar. Isso era o que ela ouvia muito na escola de outros alunos. Então, eu fui ajudando ela, isso aí foi uma parte que eu consegui ajudar ela administrar, que na vida é assim, tudo nesse momento de transição tem um grau realmente de dificuldade e que ela focasse. (Família Rios).

Embora as mães das famílias Albuquerque, Dantas, Rios e Torres tenham relatado algum tipo de dificuldade dos filhos e filhas, no momento de transição dos anos iniciais para os anos finais, nenhuma delas relatou cuidados específicos da escola nesse processo, deixando ao encargo da família algo que é eminentemente pedagógico, considerando-se que se trata da organização do sistema escolar.

Nesse sentido, os/as estudantes que contam com apoio próximo e especializado conseguem a ajuda necessária para superar as dificuldades, enquanto outros necessitam de apoio extra, o que faz os pais e as mães contratarem professores/as particulares e, em alguns casos, encaminharem os/as filhos/as para atendimento psicológico.

Ações de terceirização

Outras ações citadas pelas mães dizem respeito ao que elas próprias denominam de “terceirização” das atividades relacionadas à escolarização dos/as filhos/as, isto é, mães que precisam recorrer a outros profissionais para auxiliar os/as estudantes quando apresentam alguma dificuldade. A maior incidência de ações de terceirização são as aulas de reforço. Segundo elas, a opção pela terceirização das atividades decorre da falta de tempo, em função das exigências profissionais, ou por dificuldades dos/as filhos/as em disciplinas escolares.

[...] ele faz aula de reforço. [...] é para fazer o para casa; aquilo que eu fazia e não estou tendo tempo durante esses dois anos, eu terceirizei, coisa que eu não gosto e está me causando sofrimento. [...] Achei melhor terceirizar essa atividade porque eu não estava dando conta. Não estava dando certo. (Família Dantas).

[...] nós sentimos a necessidade de contratar um reforço em português na parte de gramática. E foi ótima essa ideia. (Família Garcia).

Os trechos destacados das entrevistas mostram que, mesmo frequentando instituições privadas, cujas mensalidades representam altos investimentos para as famílias, os/as estudantes não recebem, por parte dessas escolas, o apoio necessário para superar dificuldades específicas. Desta forma, as famílias recorrem a outros profissionais, sempre que percebem as dificuldades dos/as estudantes, ou quando as notas não estão de acordo com o almejado pelos familiares.

Além de contratar reforço em períodos e em conteúdos específicos, alguns/as estudantes também frequentam escolas de idiomas, de música, de natação e de dança, o que indica ainda mais tempo dispendido em atividades formativas.

As diferentes ações efetuadas pelas mães mostraram que há preocupação no que diz respeito à escolarização dos/as filhos/as e o acompanhamento delas oscila entre as necessidades da sociedade contemporânea e as necessidades dos/as filhos/as, evidenciando a angústia com a qual essas mães se deparam quando percebem a sobrecarga a que os filhos e filhas estão submetidos/as. Se, por um lado, as famílias consideram necessário que as escolas exijam cada vez mais dos/as estudantes, por outro lado, reconhecem que as exigências nem sempre estão adequadas às capacidades dos/as filhos/as.

Eu acho que o conteúdo do 7º ano é muito denso, é muita coisa para a idade deles. [...] eu acho que ela não tem maturidade ainda para ter conteúdos tão densos como tem nos livros, às vezes. Mas é uma questão do 7º ano, entendeu? É uma questão do 7º ano das escolas que puxam. E o foco no ENEM. Queira ou não, eu só queria tentar dar outro caminho para minha filha, mas o caminho é esse. Ela tem que se preparar. Eu sinto que é denso, que é muita sobrecarga para eles. (Família Muniz).

O relato da mãe da família Muniz demonstra a preocupação com a pouca idade da filha e a quantidade de conteúdo escolar que ela precisa dar conta. Entretanto, pressionada pelo contexto de uma sociedade em que a competição por melhores postos no mercado de trabalho começa muito cedo, essa mãe e as demais justificam suas escolhas em nome do futuro dos/as filhos/as, ou seja, o sucesso no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), para posteriormente, cursarem graduações de qualidade. Com essa preocupação, algumas mães afirmam ter escolhido escolas de cunho religioso, as quais buscam realizar algumas atividades que envolvem as famílias em nome de uma formação “mais humanizada.”

Considerações finais

A escolarização ganha um protagonismo fundamental na vida dos/as estudantes. Há grandes investimentos financeiros e de tempo, no entanto, todo esse esforço não é garantia de sucesso. Ao contrário, pode significar a razão para que os/as estudantes se desencantem pela escola e pelo processo de apropriação do conhecimento.

No contexto particular em que pesquisamos é preciso considerar que essas mães de estudantes de sexto e sétimo anos matriculados em escolas privadas, são mães inseridas no mercado de trabalho, de famílias de classe média/alta que idealizam para os filhos e filhas lugares ainda mais valorizados socialmente, e apostam na escola como meio para atingir esse objetivo. Por isso, escolheram escolas privadas com reconhecido índice de aprovação no acesso ao ensino superior.

Os dados analisados evidenciam a contradição vivida pelas mães, em decorrência da particularidade onde estão inseridas. Se por um lado desejam o bem-estar dos/as filhos/as e reconhecem que, às vezes, estes/as estão submetidos/as a situações que exigem desempenhos que estão acima de suas condições, por outro lado, entendem que se não exigirem dos/as filhos/as dedicação absoluta à escolarização, não terão como acessar o lugar social que almejam para eles/as.

Como protagonistas do cuidado com os processos de escolarização dos filhos e filhas, as mães incorporam essas responsabilidades e sentem-se culpadas quando não conseguem fornecer o acompanhamento ou a ajuda que as escolas e os/as filhos/as demandam delas, indicando que culturalmente ainda se veem como cuidadoras, embora, em alguns casos sejam as principais, ou são igualmente provedoras do sustento da família. Essa constatação indica a necessidade de mudanças culturais nas concepções e ações familiares, sob pena de continuarmos reproduzindo, pelo exemplo, divisões desiguais de responsabilidades entre homens e mulheres.

Outro aspecto importante a ser enfatizado é que o acompanhamento próximo, altamente qualificado que as mães desenvolvem junto aos filhos e filhas, oferecendo, sempre que necessário, ajuda especializada, apontam para as razões do sucesso

escolar das instituições privadas. Ao elevar a exigência no desempenho dos/as estudantes para fazer frente à competição cada vez mais acirrada da sociedade capitalista, que condiciona o modelo de escolarização orientado para o ENEM, e para a obtenção de vagas nos cursos mais valorizados nas universidades, elas obrigam as famílias a fornecer ajuda paralela aos filhos e filhas, como responsabilidade familiar, uma vez que individualizam as dificuldades como responsabilidade dos sujeitos e não das instituições.

Superar a relação comercial entre famílias e instituições escolares pode ser um caminho para que os projetos pedagógicos sejam discutidos democraticamente, construindo-se processos educativos que considerem, tanto as condições dos/as aprendizes, quanto de suas famílias.

Pelas condições em que foi desenvolvido (principalmente em função do tempo destinado à realização do mestrado), este estudo limitou-se a ouvir as mães. Neste sentido, são necessárias novas pesquisas que se dediquem a ouvir os/as estudantes, além de analisar as diferenças nas propostas pedagógicas de cada instituição, para que se possa compreender melhor os demais aspectos do processo de escolarização em instituições privadas.

Referências

ADRIÃO, Silvia Maria de Freitas. **Educação e privilégio: o que querem os pais das escolas privadas?** 152 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUCSP: Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade, São Paulo, 2014.

ALBUQUERQUE, Jéssica Andrade de. **Concepções de familiares e agentes escolares acerca da relação família-escola: o que a psicologia escolar tem a dizer?** 137f. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

BRASIL. Censo Escolar da Educação Básica 2016. Notas estatísticas. **INEP/MEC**. Brasília-DF, 2017. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf. Acesso em: 05 jan. 2018.

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644435352>

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Modos de educação, gênero e relações escola-família. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 41-58, jan./abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a03n121> Acesso em: 20 nov. 2016.

FEVORINI, Luciana Bittencourt. **O envolvimento dos pais na educação escolar dos filhos**: um estudo exploratório. 178 f. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

LEITE, Francisca Oleania Torquato. **Família e escola**: parceria necessária para erradicar o fracasso escolar. 137f. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Curso de Mestrado Ciências da Educação da Universidade de Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Instituto de Educação, Lisboa, 2015.

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

MEDEIROS, Jonas.; JANUÁRIO, Adriano. A nova classe trabalhadora e a expansão da escola privada nas periferias da cidade de São Paulo. In: **Anais eletrônicos do ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 38, 2014, Caxambu: ANPOCS, 2014. p. 1-30. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/38-encontro-anual-da-anpocs/gt-1/gt03-1/8845-a-nova-classe-trabalhadora-e-a-expansao-da-escola-privada-nas-periferias-da-cidade-de-sao-paulo/file>. Acesso em: 03 jan. 2018.

MORAES, Fernanda Beviláqua Costa. **O dever de casa**: uma análise das práticas educativas familiares. 144f. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

PAULA, Gustavo Brunoc de. **A influência do território sobre as escolhas escolares das famílias** – um estudo em uma região da periferia de Belo Horizonte. 103f. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Conhecimento e Inclusão Social em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

PEREIRA, Aline Juliana de Souza. **Três famílias de camadas populares e a escolarização dos filhos**: entre estabelecimentos de ensino públicos e privados. 128f. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2016.

PEROSA, Graziela Serroni; DANTAS, Adriana Santiago Rosa. A escolha da escola privada em famílias dos grupos populares. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 987-1004, out./dez., 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v43n4/1517-9702-ep-43-4-0987.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2018.

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644435352>

PIMENTA, Juliana de Carvalho. **A relação família - escola: concepções e práticas.** 245f. 2014. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2014.

SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil.** v. 1, n. 2, out., 2012. Disponível em: http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configura%C3%A7%C3%B5es-familiares-do-s%C3%A9culo-XX_fatima.pdf. Acesso em: 27 out. 2017.

SIQUEIRA, Ana Rita. **Um segmento menos elitizado da rede privada de ensino: três escolas no município de Contagem.** 136f. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais na linha de pesquisa Sociologia da Educação: escolarização e desigualdades sociais, Belo Horizonte, 2016.

SOARES, Enilvia Rocha Morato. **O dever de casa no contexto da avaliação das aprendizagens.** 232 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília/UnB, Distrito Federal, 2011.

SOUZA, Ângela Aparecida Ricardo. **Os deveres para casa no processo ensino-aprendizagem.** 117 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da Universidade do Estado de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis, 2005.

Correspondência

Vanessa Caroline Ferreira Galvão – Grupo Amazônico de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação – GAEPPE - Universidade Federal de Rondônia – Sala 309 – Bloco D - Campus - BR 364, Km 9,5 CEP: 76801-059 - Porto Velho - RO



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0)

Notas

¹ Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

² Agradecemos o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) pela concessão de Bolsa Demanda Social - Código de Financiamento – 001.